

|             |                  |
|-------------|------------------|
| LOMA FILMES | PÁSSARO DO MORRO |
|-------------|------------------|

|  |   |                            |  |
|--|---|----------------------------|--|
| <b>Entrevistado</b><br>Depoimento: <b>Sergio Ricardo</b> | <b>Cidade</b><br><b>Rio de Janeiro</b>        | <b>Estado</b><br><b>RJ</b> | <b>ÁUDIO: XX</b>                         |
| <b>EP ( ) SP ( ) SLP( )</b>                              | <b>Direção</b>                                |                            | <b>Time Code</b><br><b>(X)Sim ( )Não</b> |
| <b>Responsável Transcrição</b><br><b>Fabio</b>           | <b>Data de Transcrição</b><br><b>03/11/16</b> |                            | <b>DAT</b><br><b>( )Sim (X)Não</b>       |

**Arquivo: EB\_SERGIO\_RICARDO\_ONLINE\_3110**

**Sérgio:** 00'22" De tempos em tempos, cada qual é um novo ser herdado do semelhante, quantos já terei sido com a mesma identidade e o mesmo nó de memórias?

**[Filme]:** 00'59" Eu não vou ficar de braços cruzado a vida toda, milagres não vão acontecer mesmo, se a gente não se juntar não vai adiantar nada, será que estou sozinho?

**[Música]:** 01'17" " Ah... tem que brigar se quer tentar..."

**Sérgio:** 02'34" Como é que um bicho daqueles começa a ficar no espaço e vai e não bate asa nem nada, olha Biguá lá vem eles olha, esses ai são os pássaros mais ativos do céu. Mas isso quando nasce o sol eles vem de lá pra cá porque eles estão voltando já porque o sol esta querendo ir embora, eles vem de lá atravessa aquilo ali mais uma fila de uns milhares, eu não sei de onde é que sai tanto Biguá aqui.

**Sérgio:** 03'01" Meu pai era um bom alaudista ele tocava um alaúde e eu adorava também abrir a caixa do alaúde e eu mesmo brincar com o alaúde, mas não conseguia tocar nada, era, tinha sete, oito anos de idade, né, por aí, mas ele cantava, tocava, pegava aquele alaúde e cantava aquelas coisas árabes e minha mãe também era, tinha uma bela voz, entendeu? Nunca foi cantora né? nada disso mas tinha uma bela voz.

**Sérgio:** 03'33" É aquela coisas aladas, tá? E aquilo, aquelas formações melódicas, os arabescos todos apareciam ali naquelas intervenções que ele fazia nas noites de encontro de todos os exiliados que na verdade parecia um exílio né? que era bem era mais um exílio mesmo o que causou a saída deste pessoal da terra porque as guerras sempre perseguiram aquela região né?

**Sérgio:** 04'12" Eu nasci no meio dos camponeses, né? E comerciantes que vinham de outras, de outras partes e que foram criando uma cidade, e volta e meia eu estava num sitio daqueles e minha alegria era estar com os camponeses, correndo a mata, andando a cavalo, colhendo isso, colhendo aquilo, e tal e vivendo quase que uma vida de camponês mesmo, mas como era isso tudo era nas férias que eu fazia, não se pode contar que eu tenha vivido como um camponês, eu vivi numa cidade do interior e que as escolas foram aparecendo e eu acabei é cursando todas as coisas e mais ao mesmo tempo a minha ligação afetiva era com o pobre mesmo, o camponês mesmo, o povo de uma maneira geral.

**[Música]:** 05'24" "Todo morro entendeu quando o Zelão chorou  
Ninguém riu, ninguém brincou, e era Carnaval  
Todo morro entendeu quando o Zelão chorou  
Ninguém riu, ninguém brincou, e era Carnaval

No fogo de um barracão  
Só se cozinha ilusão  
Restos que a feira deixou  
E ainda é pouco só  
Mas assim mesmo o Zelão  
Dizia sempre a sorrir  
Que um pobre ajuda outro pobre até melhorar

Choveu, choveu  
A chuva jogou seu barraco no chão  
Nem foi possível salvar violão"

**Sérgio:** 06'30" Tive umas incursões nos bairros e tal mais em pouco tempo, mas viver mesmo fui pro Sampaio, eu morei no subúrbio de Sampaio com a minha família que era ao lado do Jacarezinho, a favela do Jacarezinho, onde eu comecei a ter contato com negócio de favela e como eu disse para você como eu sempre fui ligado ao povo, o povo sempre me chamou pra os, tanto assim que hoje estou aqui no Vidigal, não quero sair daqui não é por pobreza não, poderia até ser também, mas é mais por opção mesmo, é por uma questão de opção.

**Sérgio:** 07'09" Eu me lembro que quando eu comecei, quando eu vim ao Rio de Janeiro e comecei a tocar piano em boate, eu era pianista porque eu estudo piano desde os 8 anos de idade e tal, então eu tinha uma desenvoltura ao piano que me possibilitava inclusive entrar na competição da noite entre os grandes músicos da época. Eu era sozinho ao piano segurando uma barra de uma noite inteira em boate e tal, fazia a minha bossa nova, estava no grupo da bossa nova e virei um dissidente, mas não que eu tenha querido virar um dissidente. Eu pratico já a minha primeira música que foi gravada, era Zelão que já contava a história de um homem do morro que contradizia um pouco a temática da bossa nova, que queria falar do mar, do amor, da garota de Ipanema, a coisa da pequena burguesia, que eu não estava muito afim de estar dizendo não, aí fui fiz uma música pro Zelão que virou o meu maior sucesso e eu digo, bom o meu caminho é por aí mesmo e sai falando, falando as coisas da realidade, política brasileira e tal e me dei bem com isso porque, logo em seguida começaram a aparecer o Geraldo André, o Théo de Barros, o Sidney Miller, Chico Buarque, e o pessoal que resolveu tomar essa bandeira também.

**Sérgio:** 08'30" Esse disco aqui foi, ia ser censurado, estava para ser proibido, e aí a censura me chamou para explicar a história deste disco, que história é essa de, de calabouço, que você, negócio de cala boca moço que história é essa? e tal.. Está querendo falar da ditadura? Eu disse não, não tem nada a ver de ditadura não, isso é a TV Globo que impede a gente de cantar as coisas que a gente quer e fica é com aquela história do jabá e tal, aí cala boca moço como quem dissesse para a cultura cala boca, né? Aí os caras engoliram essa, aí eles disseram, mas tudo bem e por que essa censura na boca desse negócio cortado aqui? Eu digo não, isso aqui foi quem fez essa capa foi o Caulus, que teve uma ideia de design muito boa, entendeu? que era pegar a boca jogar ela na contracapa, está aqui a contracapa com a boca e um balão com as letras das músicas que é uma bolacão ótima, né? tem nada a ver com censura não... tem nada ver.. aí os caras disseram ah sim engraçado né? Olha cara sentando no banquinho, pois é. Aí engoliram também.

**Sérgio:** 09'55" Acabaram me cortando mesmo, proibindo a minha música de ser tocada no rádio, e de ser divulgada, então a mídia, comprando, tendo comprado a briga do sistema que estava sendo imposto, me cortou de vez, eu não, eu comecei a não aparecer mais na televisão, no rádio, essa coisa, não aparecia mais, até hoje, uma ou outra rádio, que ainda viola um pouco a censura e coloca uma música minha, infelizmente isso atrapalhou completamente a minha vida profissional na música, a ditadura me botou debaixo do tapete.

**[Música]:** 10'35" "Se entrega Corisco!  
Eu não me entrego não  
Eu não sou passarinho pra viver lá na prisão  
Se entrega Corisco eu não me entrego não  
Não me entrego ao tenente  
Não me entrego ao capitão  
Eu me entrego só na morte de parabelo na mão...

O Sertão vai virar mar,  
E o mar vai virar sertão!

Tá contada a minha estória,  
Verdade, imaginação.  
Espero que o sinhô tenha tirado uma lição:  
Que assim mal dividido  
Esse mundo anda errado,  
Que a terra é do homem,  
Não é de Deus nem do Diabo!  
Não é de Deus, não é de deus, não é de deus nem do Diabo!

**Sérgio:** 11'52" Não dá...

**Sérgio:** 11'56" Eu gosto muito de estar só para poder criar, eu neste momento seria um velho, seria um velho como é que chama, aposentado, é dizendo bobagem pra cima e pra baixo, mas fico fazendo, uso o meu tempo criando, entendeu?

**Sérgio:** 12'19" Eu virei um sujeito absolutamente desconhecido no Brasil com o passar do tempo, hoje ninguém sabe quem eu sou não, é pouca gente que sabe só os que tem essa memória lá pra trás.

**Sérgio:** 12'40" Ihhh...

**Sérgio:** 12'46" Aquele não era o nosso não?

**Sérgio:** 12'52" Olha ele aí.

**Sérgio:** 12'52" Não, não é!

**Sérgio:** 12'59" E é muito bom ficar desconhecido também.

**Sérgio:** 13'21" Uma coisa que os festivais fizeram que foi, que foi muito prejudicial a cultura brasileira, foi estabelecer que o bom era aquilo que se mostrava ali, o resto não valia nada, tanto assim que nomes que dos quais se salvam realmente gênios, né? como o Chico Buarque é um gênio pra mim, então um cara como esse que se salve e permaneça tudo bem, mas tem muita porcaria por aí que vieram, que veio dos festivais, e que foi já deteriorando um pouquinho a música brasileira. Tem grandes trabalhos pra cinema aí, mortos em roteiros, apodrecendo em roteiros, nas bancadas dessas, dessas investidoras, dessas coisas que não querem saber de cultura na verdade, e nem querem discutir o que está lá por dentro, porque quem, quem faz cultura de verdade entra por dentro das questões principais, principalmente as questões políticas da vida, filosóficas, e tal, então você pra entrar nesses entendimentos você precisa contrariar toda uma máquina que existe aí, que não vai te dar força.

**[Evento na rua]** : 14'35" Quem entende de democracia é o povo!  
O povo que entende de democracia, não é esses golpistas não,  
Por isso, por isso que eles querem governar sem voto...

**Sérgio:** 14'49" O meu filme estória de João e Joana, que é um a parceria minha com o Drummond de Andrade, pelo menos em homenagem ao Drummond deveria se fazer aquele filme, e era, e foi o filme escolhido pela Embrafilme com o dinheiro já pronto para eu pegar lá e tal, o homem cortou a Embrafilme exatamente no ano e eu não consegui fazer o João e Joana, estou até hoje buscando financiamento para este filme, em, em editais, em não sei o que, mas ninguém dá o dinheiro, ninguém entra não.

**[Filme]:** 15'23" **Chefe:**15'23" Pedro! **Pedro:** 15'26" Fala chefe, conseguiu? **Chefe:**15'26" Eu te avisei que era muito difícil **Pedro:** 15'32" O que foi que ele disse? **Chefe:**15'33" Que não pode aumentar o seu ordenado sozinho, se aumentar para um vai ter que aumentar para todos! **Pedro:** 15'38" E por que que não aumenta de uma vez? Aqui tudo tá subindo todo dia e o ordenado da gente está cada vez barato! **Chefe:**15'45" Isso é com o sindicato, agora vamos ao trabalho porque ainda é muito cedo.

**Sérgio:** 15'51" Governo com a sua sabedoria, o governo brasileiro com sua sabedoria, principalmente os prefeitos das cidades, entraram, não era plena ditadura, entraram numa de negociar o morro com as empresas internacionais, aí eles queriam isso aqui vazio de gente, pronto pintou então a remoção, a celebre remoção lá do fim dos anos 70 e o... só que quebraram a cara com a gente né? Porque eu juntei o pessoal porque o meu barraco também foi marcado para derrubar, eles andaram subindo o morro e marcando os barracos que iriam derrubar, naturalmente era toda essa orla que você vê ali, e o meu barraco estava no centro da história ali, mas aí acontece que a gente então se juntou, se reuniu e a gente acabou ganhando.

**Sérgio:** 16'50" O barraco uma empregada acabou me levando ele embora, e eu nunca mais despejei, eu nunca despejei ela de lá porque eu lutei aí para não despejar ninguém, dê repente eu mesmo ter que despejar, eu só esqueci...

**Sérgio:** 17'07" Aí ela foi para lá para ficar uma temporada porque tinha sido, tinha sido, despejada da Rocinha e estava sem saber o que fazer da vida e tal, aí eu disse a ela para ficar um tempinho ali para arrumar um lugar para morar e tal, e fiquei por aqui enquanto ela ficou lá, mas nunca mais saiu, e eu não tive como tirar não, e fiquei sem jeito de estar tirando a pessoa de uma casa né? esquisito..

**[Filme]:**17'39" **Homem:**15'39" Foi o maior bafafá que já aconteceu na favela do Esqueleto **Mulher:** 17'43" Ahahaha **Homem:**17'46 Até a Justa, veio até a Justa para apartar a confusão, e eu, e eu, soltando pipa, **Mulher:** 17'55" hahaha **Homem:**17'59" Sabe como é ne? **Mulher:** 17'55" É nada de amargura? **Homem:**18'06" Perai, ele tem umas manias esquecidas, sabe? outro dia eu chamei ele, vem cá Zezinho, vem cá senta aí, vem cá, aí ele veio, sabe? E eu disse para ele: tira esse arame da boca Zezinho, tira esse arame da boca Zezinho..

**[Música]**18'47" " Bate bate palma, abre a roda  
Bate bate palma, abre a roda  
Bate bate palma, abre a roda  
Bate bate palma, abre a roda  
Bate bate palma, abre a roda  
Bate bate palma, abre a roda  
Bate bate palma, abre a roda  
Bate bate palma, abre a roda  
Rapaziada, vai comer o samba enredo no prato da batucada  
Rapaziada, vai comer o samba enredo do quarto da batucada  
Morro do Vidigal vi dos anos 70 se não pegou fogo faltou quase nada  
Era povo e o governo todos dois na bronca e muito bate boca pelas quebradas  
Bate bate palma, abre a roda  
Bate bate palma, abre a roda..."

**Sérgio:** 19'45" Hoje em dia tudo aquilo ali está no nome do favelado, tudo marcadinho, direitinho, ninguém pode, por isso eles estão se dando ao luxo de vender, pelo preço que acham que vale, e a gente de ficção espalhou-se pelo morro aqui está todo mundo comprando, você vê, olhas as obras ai, dá pra ver né que, agora não sei que fim isso pode dar, o problema é uma questão social né que é mais complicada, porque o pessoal está saindo daqui porque vendeu os barracos e volta para alugar, porque não se adapta nos outros lugares então ele volta porque tem a comunidade, você tem a sua relação com toda uma sociedade, né? que acaba por sentir falta dela e volta pra ver se, e ai vai pagar aluguel aqui, então tem muito, tem muito barraco aqui sendo alugado para os antigos moradores que é uma coisa estranha né, que é mal negócio vender, entendeu? O negócio não vender o barraco não, a casa, o negócio é ficar por aqui mesmo porque senão vai acabar voltando e tendo que pagar aluguel.

**Sérgio:** 21'00" Não está atendendo né? O meu barraco era aqui olha essa casarona que está ali, ah.. isso ai, uns 2 anos ou 3.

**Sérgio:** 21'13" Aqui já se acabou com a vista, a vista aqui já foi atrapalhada, só quem tiver aqui dentro é que vai ver aquela vista.

**Sérgio:** 21'43" As pessoas vivem com os recursos que conseguem levantar pela vida a fora, e são os menores possíveis, os recursos mais, é a sobra do tacho, aqui se vive com a sobra do tacho.

**Sérgio:** 22'17" Zona sem norte, irrompem os amantes se encantando na rota do subúrbio sem rumos, sem cais, sem bússola, ou destino certo, na calçada sopra o vento sua forma de anunciar esse encanto existente, a poeira cobre a roseira que se estende rasteira para as mãos dos amantes, passantes em meio a poeira eles são toda gente, clarins em seus olhos cantam para anunciar, vive o amor pelo mundo, leva esse anjo nos ombros, a sombra dos homens por todos os quadrantes carentes de paz.

**Sérgio:** 23'22" Cada qual tem seu moinho, moenda, moendo a vida se micro pulverizando em infinitas partículas, troca, rouba ou mistura, o fato é que dos encontros, o residual de umas e deixado em outras pessoas, na boca, no sexo, no espírito ou no osso do pensamento.

**Sérgio:** 23'53" Se assim me transformo estou movendo o moinho, moenda moendo a vida, me movo a te procurar, seja lá quem se aproxime de corpo ou de pensamento no acaso do caminho.

**Sérgio:** 24'21" No momento a sensação de ver nas coisas uma tristeza que só vejo agora, e por isso mesmo não sinto mais, na alegria da descoberta de suposto sofrimento, o dia após a madrugada acendeu-se vermelho e pela primeira vez desde de há muitas auroras sinto que um dia nasce, a certeza disso e como se dela dependesse o mundo, vence minha tranquilidade e a chegada de um sono desde há muito não dormido. Tudo começou num leve aceno em pleno dia 13 sexta feira de um ano bissexto, tão infinita se lançou essa alegria que ao primeiro tropeço se deslanchou, quanto mais sufocássemos a revolta, mas a desordem desenhava desistência em nosso olhar, Discretamente nos deixamos, súbito, o dia perdendo o vermelho, entrega amanhã seu cinza cotidiano, enquanto acerto o meu passo caminhando por essa rua.